

Antigamente em Rouergue, Narrativas de Alice Bonneton-Lagru

*Olaci da Costa Carvalho*¹

Resumo: Alice Bonneton-Lagru nasce em 23 de janeiro de 1920, na cidade de Kourou, na Guiana Francesa. Estuda no Colégio de Caiena, também na Guiana francesa, até a conclusão de seus estudos secundários. Aos 28 anos, parte à França onde obtém seus estudos universitários. Para este número, escolhemos traduzir alguns contos representativos de fatos ou pessoas gravados na mente da narradora. Optamos também por traduzir alguns contos que, a nosso ver, são característicos de uma certa universalidade em tempos passados, como, por exemplo, a comunicação por cartas ou a figura da parteira, presente em diferentes partes do mundo, tão comumente encontrada em regiões brasileiras, especialmente, na Amazônia.

Alice Bonneton-Lagru nasce em 23 de janeiro de 1920, na cidade de Kourou, na Guiana Francesa. Estuda no Colégio de Caiena, também na Guiana francesa, até a conclusão de seus estudos secundários. Ainda em Caiena, assume a função de auxiliar de professor, no histórico liceu Félix Eboué. Aos 28 anos, parte à França onde obtém seus estudos universitários, nas faculdades de Montpellier e de Toulouse, nas áreas de história, geografia e letras, disciplinas que ministrará até 1979. Antes de sua aposentadoria, em 1981, Alice Bonneton-Lagru exercerá ainda a direção de serviços de documentação.

Embora, em suas obras, celebre a terra natal, como em *Cric-crac: Il était une fois en Guyane Française* (1977) ou ainda *Cadavre au Miramar: De Cayenne à*

1 Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: olaci@unifap.br

St-Jean-de-Monts (1982), a autora tem predileção também pela descrição de paisagens francesas como àquelas da Corse *Opapo, il était une fois en Corse* (1978) e, principalmente, daquelas ligadas à rusticidade de Aveyron em *Bleuets et Coquelicots, en Aveyron... et ailleurs* (1979) e nos contos aqui traduzidos da obra *Autrefois en Rouergue, Récits* (1988). Paisagens essas, às quais Alice Bonneton fora familiarizada, como as de Rodez onde ela se instalou por razões matrimoniais – seu marido, Paul Lagru, foi magistrado nessa cidade – e profissionais (MANSFIELD, 2009) ou ainda nos diferentes locais citados nas várias dedicatórias de *Autrefois en Rouergue*: Olemps-La Mouline, Saint-Géniez d’Olt, Millau, Sévérac Le Château, Lacafourque.

Antigamente em Rouergue (nossa primeira escolha foi traduzir como *Era uma vez em Rouergue*), em linguagem simples, como “as alegrias”, apresenta-nos a rememoração de um passado vivido “há cinquenta anos e mais”, na região de Rouergue, antiga província do Midi da França, correspondente, atualmente, ao departamento de Aveyron, na região administrativa de Occitanie. Em um tom saudosista e testemunhal, a narradora mergulha-nos em acontecimentos cotidianos e pitorescos de sua juventude nessa região. As reuniões de família, o convívio com os avôs, as cartas recebidas, a época da colheita, os rituais alimentares, a devoção religiosa, as festas nos vilarejos, enfim, tudo é motivo para reviver esse passado nostálgico em que “a memória do tempo” é a “memória do coração seguindo as estações”.

Para evidenciar essas inúmeras recordações, escolhemos traduzir alguns contos representativos de fatos ou pessoas gravados na mente da narradora. Optamos também por traduzir alguns contos que, a nosso ver, são característicos de uma certa universalidade em tempos passados, como, por exemplo, a comunicação por cartas ou a figura da parteira, presente em diferentes partes do mundo, tão comumente encontrada em regiões brasileiras, especialmente, na Amazônia. Traduzimos ainda o prefácio e a conclusão, para explicitar as motivações da narradora e o quão importante é, não somente guardar as lembranças, mas, sobretudo, contá-las para que não caiam no esquecimento.

Esperamos que a leitura dos contos a seguir conduza à descoberta e à difusão da obra de Alice Bonneton-Lagru, escritora guianense ainda desconhecida ou pouco estudada no Brasil. Então, como diz a autora no conto *Le pain d’antan* “Bom apetite a vocês todos que o apreciam!”².

2 Em francês: Bon appétit à vous tous qui l’appréciez!

En guise de préface

À l'écoute de mon amie Marcelle, pour répondre à ses souhaits et pour obliger d'autres amis encore de cette belle région de France, le Rouergue, où je vis depuis plusieurs années, il m'a plu de retracer le passé: un passé encore proche; mais un passé tout de même.

Ces récits sont des témoignages.

Rien n'est plus comme avant, dit-on à la ronde.

Au demeurant, il fait bon parler de son terroir.

Il y a cinquante ans et plus, les vies coulaient paisibles avec l'accomplissement des tâches journalières si dures qu'elles fussent. Les joies étaient simples; la plupart des gens allaient à pied ou à cheval. L'air était celui des vastes horizons. L'on savourait le temps en pays rouergat comme on savoure une fouace.

Je dédie ces petits tableaux à tous ceux qui aujourd'hui se remémorent le passé avec joie.

Mémoire du temps, mémoire du cœur en suivant les saisons.

À guisa de prefácio

Ouvindo minha amiga Marcelle, para responder a seus desejos e agradar ainda a outros amigos desta bela região da França, Rouergue, onde eu vivi vários anos, pareceu-me deleitável recontar o passado: um passado ainda próximo; porém um passado, apesar de tudo.

Estas narrativas são testemunhos.

Nada mais é como antes, dizem nas redondezas.

De resto, é bom falar de sua região.

Há cinquenta anos ou mais, as vidas corriam tranquilas com a realização das tarefas quotidianas por mais duras que o fossem. As alegrias eram simples; a maioria das pessoas se deslocava a pé ou a cavalo. O ar era aquele dos vastos horizontes. Saboreava-se o tempo na região de Rouergue como se saboreia uma fogaça.

Eu dedico estes pequenos quadros a todos aqueles que hoje rememoram o passado com alegria.

Memória do tempo, memória do coração seguindo as estações.

Réunions de familles

Les grandes réunions de famille, il faut le dire, avaient lieu aux enterrements et aux services de neuvaine; c'était l'occasion, pour toute la parenté de se retrouver. Chacun se faisait un devoir de venir, même d'un peu loin, assister aux funérailles.

Après les cérémonies, le moment venait de se restaurer; un bon repas était pris en commun, selon la tradition. Malgré les circonstances, rien n'était négligé pour autant. Autour d'une table on peut remonter le temps, refaire connaissance, évaluer les changements de vie, parler des uns et des autres; certains se voient pour la première fois. Les exclamations jaillissent qui font tourner les têtes des intéressés ou sourire tout simplement : «Dieu que ce grand-père est alerte! Antoinette a vieilli, c'est vrai la pauvre, elle reste seule depuis longtemps. Notre vieille Mémé Agnès se porte toujours bien malgré ses quatre-vingt-cinq ans. Comme cette petite Marcelle est jolie! Et ces jeunes gens sont charmants, ils se tiennent tendrement par la main, retiennent ainsi l'attention; on dit qu'ils vont se marier prochainement.»

Les nouvelles : bonnes ou mauvaises se propageaient. Que de propos tenus autour de ceux qui sont drapés dans leurs habits de deuil, leurs habits noirs.

Sans ce triste évènement, une réunion de famille aussi importante n'aurait pu se faire.

Reuniões familiares

As grandes reuniões de família, é preciso dizer, aconteciam durante os enterros e as novenas; era a ocasião para todos os parentes encontrarem-se. Cada um tinha o dever de vir, mesmo de locais distantes, assistir aos funerais.

Após as cerimônias, chegava o momento de restaurar as forças; uma boa refeição era partilhada, de acordo com a tradição. Apesar das circunstâncias, nada era negligenciado entretanto. Ao redor de uma mesa pode-se voltar no tempo, refazer conhecimentos, avaliar mudanças de vida, falar de uns e de outros; alguns se viam pela primeira vez. As exclamações jorram e chamam a atenção dos interessados ou provocam sorrisos simplesmente: “Deus, este avô está alerta! Antoinette envelheceu, pobrezinha!, ela está sozinha há muito tempo. Nossa velha Mémé Agnès vai muito bem, apesar de seus oitenta e cinco anos. Como a pequena Marcelle está linda! E estes jovens são charmosos, eles se seguram carinhosamente pelas mãos, atraindo assim toda a atenção; dizem que eles vão se casar brevemente”.

As notícias: boas ou más se propagavam. Que propósitos em torno daqueles que estão envoltos em suas roupas de luto, suas roupas negras.

Sem este triste acontecimento, uma reunião de família tão importante não poderia ocorrer.

L'accoucheuse

Il faut rendre hommage à l'accoucheuse, la commère, qui dans bien des villages en faisant fonction. Les couches, d'une façon générale, se faisaient à la maison. Certaines praticiennes tenaient leur savoir-faire de leur mère; elles exerçaient ce métier par goût. Elles n'avaient pas de diplômes mais elles avaient acquis par la pratique la compétence voulue. Il était arrivé bien des fois que le médecin qu'elles devait aider ne fût pas là au moment nécessaire. Franchir les distances à l'époque n'était pas toujours facile par mauvais temps; quand le docteur arrivait, le bébé était né sauf en cas de complications sérieuses.

Dans la maison où était attendu le petit être, il avait régné une grande effervescence; il avait fallu préparer les bassines, remplir ces dernières d'eau chaude, vérifier le linge. L'accoucheuse restait souvent seule pour la naissance qui se faisait dans l'intimité. Elle coupait le cordon ombilical et présentait l'enfant à la mère qui, délivrée, regardait le nouveau-né de tous ses yeux: garçon, fille? Après les soins prodigués à la mère, cette dernière était réconfortée par un bouillon de poule comme le voulait la tradition.

Quant à l'accoucheuse, elle était rétribuée en nature et se sentait payée de retour par des nombreuses attentions. Elle faisait partie de la famille dont quelquefois même elle partageait les secrets.

A parteira

É preciso homenagear a parteira, a comadre, que nos vilarejos desempenhava essa função. Os partos, de uma maneira geral, eram realizados nas casas. Algumas praticantes herdavam este conhecimento de suas mães; elas exerciam esta profissão por gosto. Elas não possuíam diplomas, porém adquiriam pela prática a competência necessária. Não eram raras as vezes em que o médico, a quem elas deveriam auxiliar, não estivesse lá no momento preciso. Percorrer as distâncias, à época, não era sempre fácil, sobretudo com mau tempo; quando o doutor chegava, o bebê já havia nascido, exceto em casos de complicações sérias.

Na casa onde era esperado o pequeno ser, reinava uma grande efervescência: era preciso preparar as bacias, enchê-las com água quente, verificar os panos. Frequentemente, a parteira permanecia sozinha para o nascimento que se realizava na intimidade. Ela cortava o cordão umbilical e apresentava a criança à mãe que, delivrada, olhava o recém-nascido de todos os seus olhos: é menino, é menina? Após os cuidados dispensados, a mãe era recompensada com um caldo de galinha como determinava a tradição.

Quanto à parteira, recompensada não em dinheiro, sentia-se paga pelas inúmeras atenções que lhe eram dedicadas. Ela fazia parte da família, algumas vezes mesmo, compartilhava dos segredos.

Nos lettres

Rédigées d'une plume appliquée, avec une belle encre violette, elles avaient de l'importance des lettres: celles que nous envoyions qui avaient été soumises à l'approbation de tous; celles que nous recevions. La plupart jugées précieuses étaient gardées bien rangées dans le soufflet du calendrier des P.T.T. ou dans un tiroir à cet effet pour être relues à tête reposée. Elles relataient la vie des uns et des autres; marquaient les anniversaires, les fêtes, les vœux du nouvel an, sans oublier les petits événements: la première dent d'un enfant, le cheval qui s'est emballé, la chatte qui avait eu une indigestion... Cela peut paraître puéril mais c'était le seul vrai moyen de communication, alors qu'aujourd'hui le téléphone nous permet d'être au courant de tout dans la minute qui suit.

Nous savons aussi combien la venue du facteur était guettée; un accueil chaleureux lui était réservé; il lui fallait se défendre pour refuser le petit verre amical; il s'informait des nouvelles. Quand c'était une lettre administrative, se lisait un peu d'inquiétude sur certains visages; il fallait s'attendre à tout. Certains ne sachant pas lire, il y avait des lecteurs à haute voix qui apportaient de l'ambiance, quelques gros rires quand l'histoire était drôle et bien commentée; mais aussi quelques larmes pour des sujets tristes; les lettres d'amour étaient dites avec réserve et pudeur.

Un autre temps en vérité comparé à celui d'aujourd'hui où tout s'étale au grand jour et quelquefois sans pitié.

Nossas cartas

Redigidas de uma pluma aplicada, com uma bela tinta violeta, elas tinham importância nossas cartas: aquelas que nós enviávamos, que eram submetidas à aprovação de todos; aquelas que nós recebíamos. Na sua maioria, julgadas preciosas, eram guardadas bem enfileiradas no calendário dos P.T.T.³ ou em uma gaveta, com efeito, para serem relidas com a cabeça repousada. Elas relatavam a vida de uns e de outros; marcavam os aniversários, as festas, os votos de feliz ano novo, sem esquecer dos pequenos acontecimentos: o primeiro dente de leite, o cavalo que disparou, a gata que tivera uma indigestão... Isso pode parecer pueril, mas era o único meio de comunicação, enquanto que hoje o telefone nos permite saber de tudo no minuto seguinte.

Sabemos também o quanto a chegada do carteiro era esperada; uma recepção calorosa era-lhe reservada; ele precisava esforçar-se para recusar um copo de bebida amigável; informava-se das notícias. Quando era uma carta administrativa, notava-se uma certa preocupação em alguns rostos; era preciso esperar de tudo. Alguns não sabendo ler, havia leitores em voz alta que provocavam no ambiente algumas gargalhadas quando a história era engraçada e bem comentada; mas também algumas lágrimas quando os assuntos eram tristes; as cartas de amor eram pronunciadas com reserva e pudor.

Um outro tempo, em verdade, comparado ao de hoje em que tudo está exposto escancaradamente e, algumas vezes, sem piedade.

3 Sigla para Postes, Télégraphes et Téléphone (Correios, Telégrafos e Telefone). Esta administração pública, originada em 1921 e extinta em 1991 com a criação de La Poste (Correios) e da companhia de telecomunicações France Télécom, gerenciava essas formas de comunicação. Distribuíam calendários murais ou em forma de almanaques (a partir de 1945) que ocupavam lugar de destaque na maioria dos lares franceses.

Gavons nos oies

Nous sommes en Novembre, grand-mère a décidé que le moment était venu de gaver ses oies. C'était une opération délicate qui nous donnait de l'émotion; elle la faisait avec notre petite aide.

Le jour dit, rentrés de l'école, vers cinq heures de l'après-midi, nous étions à ses côtés; elle portait pour l'occasion un tablier de cuisine bleu pour protéger sa robe des éclaboussures; prenant la malheureuse oie, elle la maintenait bien serré entre ses cuisses pour l'empêcher de bouger; il lui fallait placer une espèce d'entonnoir entre le bec et le gosier. Il s'agissait ensuite d'introduire dans ce dernier des grains dont elle savait jauger la quantité nécessaire pour ne pas abîmer l'œsophage du volatile qui se débattait cela va de soi; d'une main tranquille, elle lui massait le jabot.

A notre tour d'intervenir en versant dans l'entonnoir de l'eau de notre petit arrosoir pour faire glisser les grains de maïs cuits, un peu tièdes.

La pauvre bête sortait de là étourdie, vacillante; elle s'ébrouait avant de se mettre d'aplomb sur ses pattes.

Nos coeurs d'enfants s'en émouvaient et pourtant que de bonnes choses à déguster par la suite; le foie d'oie énorme nous donnerait de bonnes terrines, nous aurions de bons quartiers conservés dans les toupines: des fritons, des rillettes.

C'est pour tout cela que grand-mère soignait bien ses bêtes.

Cevemos nossos gansos

Estamos em Novembro; vovó decidiu que era chegado o momento de cevar os gansos. Era uma operação delicada que nos enchia de emoção. Ela a realizava com nossa pequena ajuda.

No dia marcado, já retornados da escola, por volta das cinco horas da tarde, ficávamos ao seu lado; ela usava, para a ocasião, um avental de cozinha azul para proteger seu vestido dos respingos; pegando o infeliz ganso, ela o mantinha bem apertado entre suas coxas para impedi-lo de se mexer; era preciso colocar uma espécie de funil entre o bico e a goela. Em seguida, introduzia-se os grãos os quais ela sabia dosar a quantidade necessária para não machucar o esôfago da ave que se debatia, evidentemente; com a mão tranquila, massageava o papo.

Chegada nossa vez de intervir, derramávamos no funil a água de nosso pequeno regador para fazer escorregar os grãos de milho cozidos, um pouco mornos.

O pobre animal saía de lá atordoado, vacilante; sacudia-se, antes de ficar a prumo sobre as patas.

Nossos corações de crianças agitavam-se e, entretanto, que coisas boas a degustar depois: o fígado enorme do ganso daria boas terrinas, teríamos boas porções conservadas nas vasilhas de barro: torresmos, rillettes.

É por tudo isso que vovó cuidava bem de seus animais.

Souvenirs, souvenirs

Se souvenir de nos moments d'attendrissements en compagnie du cousin Casimir, un garçon aimable, sous le gui d'un vieux pommier: se donner la main pour aller chercher à l'étable le lait tout chaud de la vache qui allaite son petit. Etre jolie et se l'entendre dire; se laisser conter fleurette. Ah le bon temps de l'insouciance.

Lembranças, lembranças

Lembrar de nossos momentos de ternura na companhia do primo Casimir, um garoto amável, sob o visco de uma velha macieira: dar as mãos para ir buscar no estábulo o leite quentinho da vaca que aleitava sua cria. Ser linda e ouvi-lo dizer; deixar-se flertar. Ah o bom tempo da despreocupação.

En guise de conclusion

Est-ce que nous embellissons le temps de notre enfance?

Nous disons volontiers, «de mon temps, c'était autre chose» avec un certain émerveillement, voire avec émotion.

Souvent notre mémoire ne veut garder que les bons souvenirs quand il s'agit d'évoquer le passé.

Être jeune, c'est avoir naturellement un regard tout autre que celui de l'âge avancé. C'est avoir foi dans l'avenir. C'est espérer tout simplement.

Il fut bon être jeune; c'est tout un art de le rester quant à l'esprit.

Novembre 1980

Janvier 1988

À guisa de conclusão

Será que idealizamos nosso tempo de infância?

Dizemos, voluntariamente, “no meu tempo, era outra coisa” com um certo deslumbramento, até mesmo, com emoção.

Frequentemente, nossa memória deseja guardar apenas as boas lembranças quando se trata de evocar o passado.

Ser jovem, é ter naturalmente um olhar diferente daquele da idade mais avançada. É ter fé no futuro. É esperar tudo simplesmente.

Foi bom ser jovem; é uma arte mantê-lo no espírito.

Novembro de 1980

Janeiro de 1988

Referências bibliográficas

- BITEGUE DIT MANGA, B. *La Littérature guyanaise de demain, d'où vient-elle?* In *Nouvelles Études Francophones*, vol. 23, n. 2, pp. 155-176. University of Nebraska Press, 2008.
- BONNETON-LAGRU, A. *Autrefois en Rouergue, Récits*. Paris: Paris Editions Hélios, 1988.
- MANSFIELD, E. *La symbolique du regard: regardants et regardés dans la poésie antillaise d'expression française: Martinique, Guadeloupe, Guyane, 1945-1982*. Paris: Publibook, 2009.